



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS**

HÉLIDE MARIA DE PONTES SIMÕES ALVES

LEITURA NA SALA DE AULA: UMA FORMA PRAZEROSA DE APRENDER

**GUARABIRA
2017**

HÉLIDE MARIA DE PONTES SIMÕES ALVES

LEITURA NA SALA DE AULA: UMA FORMA PRAZEROSA DE APRENDER

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, Guarabira – PB, em cumprimento às exigências para obtenção do Título de Graduada.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

**GUARABIRA
2017**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

A474I Alves, Héliide Maria de Pontes Simões

Leitura na sala de aula: uma forma prazerosa de
aprender / Héliide Maria de Pontes Simões Alves. –
Guarabira: UEPB, 2017.
27 p.

Monografia (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Profa. Ma. Mônica de Fátima Guedes
de Oliveira”.

1. Leitura. 2. Alunos. 3. Processo de aprendizagem.
I.Título.

22.ed. CDD 372.4

HÉLIDE MARIA DE PONTES SIMÕES ALVES

LEITURA NA SALA DE AULA: UMA FORMA PRAZEROSA DE APRENDER

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em Letras, da Universidade Estadual da
Paraíba, Centro de Humanidades, Guarabira –
PB, em cumprimento às exigências para
obtenção do Título de Graduada.

Aprovada em: 04/08/2017

BANCA EXAMINADORA

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
Prof^a. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira/UEPB
(Orientadora)

Alba Lúcia Nunes Gomes Costa
Prof. Ms. Alba Lúcia Nunes Gomes Costa / UEPB
(Examinadora)

Aline de Fátima da Silva Araújo
Prof. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo-UEPB
(Examinadora)

GUARABIRA
2017

DEDICATÓRIA

Dedico este artigo aos meus pais, minhas irmãs, meu esposo Felipe César e a minha filha Elis Maria, vocês são meu porto seguro perante as dificuldades durante esse percurso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, meu maior mestre. O que seria de mim sem a fé que tenho nele.

Ao meu pai Hermes, a minha mãe Rosane e as minhas irmãs, Herlane, Herline e Helen meu agradecimento especial pela força e incentivo, por me apoiar para que eu continuasse essa luta durante toda etapa da minha vida.

Ao meu querido esposo Felipe César, pelo carinho, paciência, companheirismo e amor que me dedicou todo tempo.

A minha pequena Elis Maria, como você é importante para mim filha, é por você que tenho me dedicado e me esforçado para aprimorar meus conhecimentos. Você, minha Lilis, é a peça fundamental para que tudo isso esteja sendo concretizado.

Aos meus sogros, José Alves e Socorro, meu agradecimento pelo carinho e ajuda que vocês estão me dando.

Aos meus cunhados, Thiago e Gabriela e a minha sobrinha Ana Júlia, obrigada por não me deixar desistir.

A minha orientadora Prof^a. Ms. Mônica por gentilmente ter me ajudado e me guiado no decorrer do trabalho, me dando todo suporte necessário para a conclusão do meu artigo.

A todos que estiveram direta ou indiretamente, envolvidos durante esta trajetória de curso! Obrigada!

“Feliz aquele que aprende o que ensina e transfere o sabe”.

Cora Coralina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	DESENVOLVIMENTO.....	09
2.1	Entendendo a leitura.....	09
2.1.1	O Processo de Ensino-Aprendizagem.....	12
2.2	Os níveis de leitura.....	14
2.3	A Leitura Como Mediadora Do Conhecimento.....	15
2.4	A Abordagem Metodológica Da Leitura.....	18
3.	CONCLUSÃO	23
	REFERÊNCIAS	25

LEITURA NA SALA DE AULA: UMA FORMA PRAZEROSA DE APRENDER

Hélide Maria De Pontes Simões Alves

*

RESUMO

No presente artigo, buscamos analisar questões que consideramos de grande importância para a compreensão e prática da leitura como forma de interação e aquisição do conhecimento. Nesse trabalho, é feita algumas reflexões acerca da leitura no ensino escolar, partindo das teorias que priorizam o estudo da língua em sua funcionalidade e reflexão na obtenção de um melhor aproveitamento das aulas de leitura. A complexidade da leitura abrange muito mais do que simples adequação ao sistema social ou a fins práticos de alfabetização, envolve atitude e autonomia enquanto sujeito ativo no processo de construção do sentido da leitura na sua vida e na sociedade; no entanto, continua perpetuando a prática formalista de apenas transcrever o que está explícito no texto como uma atividade de captação das intenções do autor no que ele quer transmitir e cabe ao leitor apenas captar essas finalidades de forma superficial sem ampliar o debate e a troca de idéias. Para fins teóricos utilizamos os autores: Antunes (2003) Lajolo (1993), Pimenta (2011), Buzen e Mendonça (2006), Dionísio e Machado (2002), Freire (1981). a fim de apresentarmos aqui formas prazerosas de no ato de ler. Através dos objetivos, métodos e formas de organização; a escola pode e deve incorporar o estudo do português relacionado às competências e habilidades voltadas para a cidadania e que esta concepção deve ser refletida de forma consciente e crítica com o intuito de ajudar o estudante a compreender linguisticamente o uso funcional e social da língua e aperfeiçoar suas competências comunicativas e desenvolver o senso crítico. Com tais mecanismos a leitura vai se tornando uma prática prazerosa e cada vez mais chamativa aos olhos dos alunos. Neste trabalho foi utilizada a metodologia da pesquisa de cunho avaliativo para melhor fundamentação acerca do tema abordado.

PALAVRAS CHAVE: Leitura. Alunos. Conhecimento.

* Aluna de Graduação em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: helidemaria.fc@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O trabalho faz uma análise acerca do processo de aquisição da leitura, tema bastante discutido em debates e questionamentos de inúmeros estudiosos da área de educação a exemplo de Antunes (2003) Lajolo (1993), Pimenta (2011), Buzen e Mendonça (2006), Dionísio e Machado (2002) e Freire (1981). Contudo, a deficiência na leitura continua sendo um desafio na educação, uma vez que são esses profissionais que atuam no espaço escolar com os alunos que tem dificuldades no processo de leitura.

Essa preocupação quanto a apropriação da leitura vem crescendo a cada dia e teve como ponto de partida nas observações oriundas do período do Estágio supervisionado, quando a escola se tornou o cenário da atuação do educador. Contudo, apesar das discussões já existentes o problema acerca da não apropriação da leitura na sala de aula é pertinente nos dias atuais e os educadores devem procurar alternativas e inovações que aperfeiçoe a sua prática docente com propostas atraentes e motivadoras no incentivo à leitura como destaque no processo de aprendizagem, levando os educandos a compreensão da leitura como suporte para evoluir na vida e na sociedade.

Portanto, torna-se até indispensável falar de algo com tanta importância que é o ato da leitura e conseqüentemente a escrita, pois ao praticarmos o hábito da leitura este nos levará também ao hábito da escrita. Esta importância é colocada muito bem por Freire (1981, p.50):

Venho tentando deixar claro, neste trabalho em torno da importância do ato de ler – e não é demasiado repetir agora –, que meu esforço fundamental vem sendo o de explicar como, em mim, aquela importância vem sendo destacada. É como se eu estivesse a “arqueologia” do meu complexo ato de ler, ao longo de minha experiência existencial.

Desta forma, apresentar a leitura com algo prazeroso de aprender e praticar é o ponto de partida para a conquista dos educando na trajetória educacional e, este é um desafio que precisamos abraçar nos dias atuais.

Como já vimos, a problemática da leitura se apresenta em todas as etapas da educação, entretanto, esse trabalho pretende identificar e questionar as práticas de leitura na sala de aula, pois cada vez mais vem se tornando desafiadora manter e inovar esta ação de forma prazerosa na sala de aula.

A realização desse trabalho sugere uma reflexão acerca dos fatores que impedem um melhor aproveitamento das aulas que envolvem leitura e o trabalho com textos pelos quais os

alunos não atingem o propósito na relação contextual que envolve essa prática e as falhas que abarcam a metodologia utilizada através do estudo fragmentado da gramática e assim tecer uma discussão em torno das teorias apresentadas no que tange os métodos utilizados com textos na sala de aula.

Neste trabalho foi utilizada a metodologia da pesquisa de cunho avaliativo que ajudou a fundamentação aqui abordada. Apresentamos no desenvolvimento deste trabalho um breve entendimento da leitura e a sua importância na vida na sala de aula. Dando continuidade são apresentados os níveis de leitura e o processo de cada um. Em seguida, abordamos a leitura como mediadora do conhecimento e a sua importância na vida de cada um. Também é feito aqui a abordagem metodológica da leitura. Por fim, temos as considerações finais onde analisamos como a leitura poderá ser prazerosa na sala de aula e em todos os momentos de nossa vida.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Entendendo a leitura

Para melhor entendimento do estudo a ser desenvolvido sobre leitura apresentamos uma definição sobre o ato de ler, segundo Brandão e Micheletti (2002, p. 9):

É um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva.

É através do ato de ler que o homem interage com outros homens por meio da palavra escrita. A aprendizagem da leitura e da escrita, nos dias de hoje, tem se tornado cada vez mais acessível, visto que é considerada uma atividade essencial para a comunicação humana. Nos diversos aspectos do ensino-aprendizagem, seja do conhecimento formal ou informal, de modo que temos muitos meios influenciáveis aos processos citados. Assim, cabe aos indivíduos interagirem com os recursos existentes para que o uso da leitura e da escrita esteja presente. Porém é possível encontrarmos alunos com sérias dificuldades na leitura e consequentemente na escrita e descobrir onde está o problema é o grande desafio para a educação brasileira.

O domínio da leitura, além de permitir ao homem uma melhor compreensão do seu universo, leva-o a encarar de forma clara, horizontes que considerava antes não existentes, a exemplo das informações jornalísticas, científicas, informações do mundo de forma geral. Isso é uma descoberta para o leitor.

Dominar a leitura e a escrita nos dias de hoje, é relacionar fatos, tendo em vista que temos objetivos a alcançar. Para atuar em uma sociedade com o domínio da leitura e escrita é preciso ter determinação e objetivos, pois a leitura e a escrita são importantes porque tem grande utilidade nas relações humanas, comunicação e socialização. Descobrir universos antes desconhecidos elevará a auto estima de qualquer leitor.

Teberosky e Colomer (2003, p. 27) afirmam que:

As situações de interação cotidiana, quando se vai às compras, por exemplo, quando se guarda na cozinha mercadorias adquiridas ou quando se prepara a refeição, podem ser uma oportunidade para aprender outras formas de classificar e interagir com o texto escrito.

Este processo de conhecimento na leitura e na escrita que se inicia nos anos iniciais da escola também se estende para o cotidiano do indivíduo e poderá ser prazeroso quando adquirimos o hábito da leitura no nosso cotidiano.

Nota-se que os meios de comunicação, seja escrito, ou na televisão, rádio e internet, todos tem a sua relevância no universo do leitor, pois para desenvolver as demais atividades da leitura e escrita, principalmente com mais facilidade é necessário que conviva constantemente com elas no intuito de praticá-las devidamente e levar a sério suas funções na escola e na sociedade.

E quando nos reportamos unicamente para a leitura o ato fica ainda mais prazeroso porque é no momento de leitura que adquirimos mais conhecimentos, isto quando ela é feita de forma contextual e se pode ir além, ou seja, na essência do texto. A leitura é o instrumento mais eficaz para o acesso ao conhecimento linguístico e ao desenvolvimento intelectual do indivíduo. É também através da leitura que o ser humano desenvolve seu senso crítico e torna-se usuário eficiente e apto a participar de qualquer esfera comunicativa na sociedade. Ela é um dos objetos de estudo mais discutidos e estudados nos últimos tempos e seu conceito geralmente reduz-se ao âmbito tradicional da decodificação da escrita, do saber se expressar, do domínio da gramática etc. Essa tradição aponta ainda que a leitura também esteja relacionada ao enriquecimento cultural, ao acesso social àqueles que possuem o poder e ascensão social e econômica.

A leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente a formação de escritores. Diante deste contexto, citamos alguns autores que formalizaram conceitos a respeito do assunto. Segundo COELHO (1999; p. 84):

A leitura é um processo de compreensão abrangente em que se envolvem aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais,

fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos. É a correspondência entre os sons e sinais.

Conforme LEFFA (1996, p. 14): “A leitura deixa de ser um encontro furtivo com o texto ou consigo mesmo para ser um encontro permanente com os outros. O leitor passa finalmente da categoria de excluído para a de participante”. Isto nos mostra que, para o autor o não praticante da leitura é de certa forma excluído. Assim analisamos em nosso país quantas pessoas são excluídas, e não é só pelo fator financeiro, mas por diversos obstáculos que deixa muitos brasileiros às margens da sociedade.

Segundo QUINTANA e ALVES (2000; p. 57): “A leitura é a busca do prazer sobre o prazer; isso significa que o ato de ler excessivamente traz a própria alienação. Para ler é preciso que haja pelo menos dois elementos e, que esses se relacionem de alguma forma”. Esses elementos pode ser o leitor e o autor, o leitor e o texto. Pois quando lemos um bom livro provocamos mudanças que por sua vez, provoca mudança no mundo. A cada texto lido é preciso uma reflexão do que estamos lendo, caso isso não aconteça, estamos provocando o analfabeto funcional. Na medida em que não há a interpretação do texto lido, não podemos entender a mensagem deixada para cada leitor. Segundo MOLTA (1996, p. 149):

A leitura é um processo ao mesmo tempo perceptivo e cognitivo; a ato dele envolve tanto a informação que o leitor traz para o texto e o significado não está nem no texto nem na mente do leitor, mas torna-se possível através do processo de interação entre o leitor e o autor, através do texto.

Portanto, o educador deve se comportar como um provocador de situações para poder despertar no seu educando a curiosidade e a busca pelo prazer de ler. Assim, a leitura nos proporciona o intercâmbio entre o sujeito/escritor e o sujeito/leitor, cabendo a nós educadores estimular o gosto pela leitura em nossos discentes e, assim, podemos formar verdadeiros cidadãos leitores críticos e conscientes.

Pois a leitura educa e amplia novos horizontes, diverte e tem o papel de auxiliar de maneira fundamental na formação do indivíduo.

Vale salientar, que é na escola que deve ser desenvolvido o gosto pela leitura, devemos levar o alunado a ter conhecimento do que seja uma biblioteca. Pois, depois que o aluno passar a ter contato com diversos tipos de livros, ele terá a consciência do valor de uma leitura, como também, passará a ter o hábito de ler diariamente.

Segundo ORLANDI (1987; p. 35): “A leitura é uma questão lingüística, pedagógica e social ao mesmo tempo”. E segundo DURINGAN (1987; p. 15): “A leitura é então uma

construção de sentidos, ou seja, um jogo psicolinguístico de adivinhações, pois o leitor lança mãos de seus conhecimentos de mundo para imprimir sentido ao texto”.

Ler é respeitar a um objetivo, a uma necessidade pessoal. Fora da escola, não se lê só para aprender a ler, não se lê de uma única forma, não se decodifica palavra por palavra, não se responde a perguntas de verificação do entendimento preenchendo fichas exaustivas, não se faz desenho sobre o que mais gostou e raramente se lê em voz alta. Isso não significa que na escola não se possa eventualmente responder a perguntas sobre a leitura, de vez desenhar o que o texto lido sugere ou ler em voz alta quando necessário. No entanto, uma prática constante de leitura não significa a repetição infundável dessas atividades escolares.

Uma prática constante de leitura na escola deve admitir várias leituras, pois outra concepção que deve ser superada é a do mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está dado no texto. Há textos nos quais as diferentes interpretações fazem sentido e são mesmo necessárias. É o caso de bons textos literários. No entanto, há outros que não, como é o caso de textos instrucionais, enunciados de atividades e problemas matemáticos, por exemplo, só cumprem suas finalidades se houver compreensão do que deve ser feito.

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois na verdade o que vimos são exageros de livros que não transmitem muita coisa. Há uma necessidade de livros bons e de qualidade.

O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam. É preciso que antecipem e que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem verificando suas suposições, tanto em relação à escrita, propriamente, quanto ao seu significado. Para aprender a ler é preciso que o aluno se defronte com os escritos que utilizaria se soubesse mesmo ler, com textos de verdade. Portanto, de certa forma, é preciso agir como se o aluno já soubesse que aquilo deve aprender, é necessário que o aluno ponha tudo o que sabe para descobrir o que não sabe, portanto, uma situação de aprendizagem. Essa circunstância requer do aluno uma atividade reflexiva que, por sua vez, favorece a evolução de suas estratégias de resolução das questões apresentadas pelos textos.

Para aprender a ler, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os já leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato; é

preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes.

A leitura vai, portanto, além do texto e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com que convivem passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque, dar sentimento a um texto implica sempre em levar em conta a situação desse texto e de seu leitor. E a noção de texto aqui, também é ampliada, não mais fica restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens. A leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido, seja escrito ou sonoro, seja um gesto, uma linguagem, um acontecimento. Esse diálogo é referente por um tempo e um espaço, uma situação, desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta em função de expectativas e necessidades. Do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor.

2.1.1 O Processo de Ensino-Aprendizagem

Considerando os vários conceitos que envolvem o processo ensino-aprendizagem durante vários anos, podemos analisar que este processo vem se desenvolvendo a cada dia. Para tanto, é necessário que se tenha em mente as diferentes épocas nas quais estes se desenvolveram, bem como, compreender sua mudança no decorrer da história de produção do saber do homem para assim analisá-lo.

Assim, o processo de ensino-aprendizagem tem sido historicamente caracterizado de formas diferentes que vão desde a ênfase no papel do professor como transmissor de conhecimento, até as concepções atuais que concebem o processo de ensino-aprendizagem com um todo integrado que destaca o papel do educando.

As reflexões sobre o estado atual do processo ensino-aprendizagem nos permite identificar um movimento de idéias de diferentes correntes teóricas sobre a profundidade do binômio ensino e aprendizagem. Entre os fatores que estão provocando esse movimento podemos apontar as contribuições da Psicologia atual em relação à aprendizagem, que impulsiona todos a repensar a prática educativa, buscando uma renovação no processo de ensino-aprendizagem.

Apesar de tantas reflexões, a situação atual da prática educativa das escolas ainda demonstra a massificação dos alunos com pouca ou nenhuma capacidade de resolução de problemas e poder crítico-reflexivo, a padronização dos mesmos em decorar os conteúdos, além da dicotomia ensino-aprendizagem e do estabelecimento de uma hierarquia entre

educador e educando. Ainda, pode-se afirmar que solução para tais problemas está no aprofundamento de como os educandos aprendem e como o processo de ensinar pode conduzir à aprendizagem.

Ainda, acrescenta-se aqui que a solução, ou o melhoramento no ensino e aprendizagem está em partir da teoria e colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo de forma crítica-reflexiva-laborativa: crítica e reflexiva para pensar os conceitos atuais e passados e identificar o que há de melhor; laborativa não só para mudar como também para criar novos conhecimentos. Como bem coloca a autora:

Para que se repensem as ciências humanas e a possibilidade de um conhecimento científico humanizado há que se romper com a relação hierárquica entre teoria, prática e metodologia. Teoria e prática não se cristalizam, mas se redimensionam, criam e são também objetos de investigação. Nesse sentido, pesquisa é a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino/aprendizagem e a atualiza. (DIAS, 2001, p. 29).

O processo de ensino-aprendizagem envolve um conteúdo que é ao mesmo tempo produção e produto. Parte de um conhecimento que é formal (curricular) e outro que é latente, oculto e provém dos indivíduos.

Portanto, todo ato educativo depende, em grande parte, das características, interesses e possibilidades dos sujeitos participantes, alunos, professores, comunidades escolares e demais fatores do processo. Assim, a educação se dá na coletividade, mas não perde de vista o indivíduo que é singular (contextual, histórico, particular, complexo). Assim, é preciso compreender que o processo ensino-aprendizagem se dá na relação entre indivíduos que possuem sua história de vida e estão inseridos em contextos de vida próprios.

2.2 Os Níveis De Leitura

Para Martins (2003, p. 35), a leitura concebe um processo bastante amplo de compreensão, abarcando aspectos tais como: sensoriais, emocionais, racionais, intelectuais, etc. O texto é, antes de qualquer coisa, um objeto que possui forma, cor, textura, e em seu conteúdo pode conter narrativas atraentes e expressões que nos causam inúmeras sensações. É nesse primeiro contato que iremos realçar nossas expectativas quanto aos nossos gostos através do toque, do cheiro; sensações essas que nos acompanham desde cedo e sempre.

Para Solé (2008, p.22) Leitura “é um processo de interação entre o leitor e o texto”. É um momento único em que o leitor deve examinar detalhadamente o texto, identificando as ideias principais, a mensagem que o autor quer passar.

De acordo com Stefani (1997, p.17), a leitura é uma arte. Existe a “arte de ler e a arte de escrever, as quais abrigam entre si as mesmas questões que todo processo criativo e artístico enfrenta”. A autora ainda comenta acerca da utilização de uma estrutura sustentada por três apoios, por três palavras chaves:

Além do mais, a leitura também consiste nas impressões provocadas no leitor através do texto, pois um texto que naquele momento não nos faz nenhum sentido, pode amanhã suscitar nossas emoções de acordo com a condição em que estamos ou os fatores externos em que estamos envolvidos.

O Ministério da Educação (MEC, 2007) apresenta algumas capacidades essenciais à compreensão dos textos lidos:

a) Desenvolver atitudes e disposições favoráveis à leitura: após a leitura, o leitor determina suas escolhas, servindo de contraponto para outras leituras. O adulto deve ser seu modelo de leitura. b) Desenvolver capacidades de decifração: ! Saber decodificar palavras: identificar relações entre grafemas e fonemas. ! Saber ler reconhecendo globalmente as palavras: favorece uma leitura rápida e permite que o leitor não se detenha em fragmentos como “sons” e nomes de letras. c) Desenvolver fluência em leitura. ! Compreende textos: ! Identificar finalidades e funções da leitura em função do reconhecimento do suporte, do gênero e da contextualização do texto – proporcionar a familiaridade com gêneros textuais diversos.

Segundo Emilia Ferreiro(Apud, OLIVEIRA, 2009), os níveis de leitura são:

Nível 1 – Fase Pré-Silábica: a) Pré-silábica um: Nesta fase, a criança usa os mesmos sinais gráficos para escrever tudo o que deseja. b) Pré-silábica dois: Nesta subfase a criança já descobriu que coisas diferentes têm nomes diferentes. Assim, ela imprime diferenças nas grafias das palavras, às vezes, apenas mudando, a ordem das letras, quando possui poucos recursos gráficos. Nível 2 - Fase Silábica: Nesta fase a criança trabalha com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala, de modo que para ela cada segmento oral corresponde a um segmento escrito. Nível 3 - Fase Silábica Alfabética: Esta fase apresenta-se como uma transição entre a anterior, silábica, e a posterior, alfabética. Nesta fase a criança sente a necessidade de fazer uma análise que vai além da sílaba. Nível 4 – Fase Alfabética: É a escrita considerada correta, onde são colocados os fonemas de acordo com as normas da Língua Portuguesa.

A combinação desses três níveis apresenta-se em diferentes etapas e desta forma, abre espaços para uma predominância de cada nível. Nesse caso vale enfatizar: “... ser próprio da condição humana inter-relacionar sensação, emoção e razão, tanto na tentativa de se expressar como na de buscar sentido, compreender a si próprio e o mundo”, (MARTINS, 2003. p. 77).

Esses níveis são evidenciados de acordo com as circunstâncias, expectativas e experiências na vida de cada leitor.

2.3 A Leitura Como Mediadora Do Conhecimento

A leitura é o instrumento que pode levar todo o indivíduo ter acesso ao conhecimento lingüístico e intelectual. É lendo que o ser humano consegue desenvolver o seu senso crítico e capaz de participar ativamente em qualquer espaço na sociedade.

A leitura depende da valorização positiva do lazer, o ato prazeroso, para que o mesmo não seja uma tortura, mas sim um momento de pura motivação e realização desse indivíduo. A leitura como a mediação feita como ato humanizador, pode ser de grande importância para a formação de cidadãos críticos e conscientes. Desta maneira, se direcionar e demonstrar o tipo de comunicação, circulação e socialização dessa mediação de leitura, o resultado será positivo e com grandes êxitos.(INTERLETRAS, ISSN Nº 1807-1597. V. 3, Edição número 20, de Outubro, 2014/Março, 2015 - p

A questão que envolve a leitura é um dos temas que preocupa professores, pois no processo de ensino aprendizagem só é possível isso acontecer se o aluno for alfabetizado e estimulado ao exercício da leitura. A leitura do mundo leva o indivíduo a formar o seu enriquecimento cultural.

A complexidade da leitura envolve atitudes e todo ser humano é capaz de construir com a leitura o seu mundo e idealizar o que quer para a sua vida e como quer viver na sociedade; Entretanto se perpetua na prática escolar a utilização de apenas transcrever o que contem no corpo do texto, sem assimilar e compreender o significado das palavras, e possa interagir com outras pessoas ampliando o debate e a troca de idéias.

Martins, no que diz respeito à leitura, conceitua como: “um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem” (2003, p. 30). Portanto, a leitura não se dá apenas através dos livros, mas também por meio da leitura diversificada em várias situações, como através dos gestos, das mídias, dos símbolos e principalmente da interação do indivíduo com o meio social. Desta forma, a leitura deve ser

um processo que interaja o conhecimento de mundo com o universo social. Esses conhecimentos levam o aluno/leitor o atingindo a compreensão do texto e do contexto. Todo o indivíduo que tenha o hábito de ler, tendo uma visão do teor da leitura tornar-se ativo e crítico. Com toda a capacidade de ver o mundo de uma outra forma, e que leve para a sala de aula as suas experiências de vida.

O nosso sistema, ainda continua com as mesmas práticas, e as coisas não mudaram muito. Diante disso, a leitura torna-se sem sentido como nos mostra a autora:

Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e na sociedade (MARTINS, 2003. p, 23)

A autora afirma que a muitas vezes o processo de aprendizagem evasiva e a importância do contexto na efetivação de leitores ativos e essa prática evasiva é pouco absorvida pelo alunado, uma vez que falta no contexto na análise de um texto e a leitura torna-se mecanicista.

É comum na sala de aula os professores se queixarem de que a maioria dos seus alunos não gostam de lê, e isso afeta o processo de ensino aprendizagem. E ainda hoje com o uso exagerado do celular essa pratica tem reduzido a cada dia nas escolas. Por isso na maioria das vezes são questionadas as estratégias que os professores utilizam nas salas de aulas, se despertam ou não o gosto pela leitura, se estimulam a leitura fora da sala de aula ou se continuam usando o método mecanicista perguntas prontas e frases sem sentido.

O uso do livro didático como principal fonte de contato, ou seja é uma cartilha absolvida por todas as matérias na sala de aula. E o livro que leva o aluno a conhecer o “mundo letrado”. Contudo, nos últimos anos o livro didático, passou a sofrer várias críticas ao longo da história, em virtude de ser conservador de valores e comportamentos.

Não obstante, o uso do livro didático ainda aparece na maioria dos casos como única fonte de leitura para muitos alunos, bem como principal subsídio para a prática docente. Porém, o professor não deve usar somente os livros como única fonte de leitura, cuja sua composição geralmente se baseia em exercícios de perguntas objetivas, resumos, anotações etc e atividades em que estes não estão familiarizados e que não condiz com a sua proposta pedagógica. Quanto a isso, a autora reforça:

...não há lei nem supervisão que obrigue um professor a usar material com o qual não esteja à vontade, e sobre cuja adoção não tenha sido consultado: é a tal voz do bom senso... (LAJOLO, 2008, p. 64).

O ser humano um ser social que interage no seu cotidiano com vários textos e situações do mundo letrado, é terminantemente necessário que as propostas do material didático que o professor utilizara na sala de aula de diferentes tipos textuais, definidos por sua função, tendo em vista o desenvolvimento das capacidades leitoras e interpretativas do indivíduo, só assim será possível tornar atrativo o universo da leitura nas escolas.

Ao ler o leitor esta interessado em buscar as informações, seja em um jornal, revista etc. essa leitura se tornará prazerosa se quem a esta lendo gosta do assunto ou seja tem interesse.

A leitura não deve alfabetizar de maneira mecanicamente e sim dar condições que permitam ao leitor, interagir com o texto. Dessa forma a leitura será vista dentro do prisma da proposta libertadora e possível a todos. A Leitura proporciona meios que encaminham as pessoas a refletir e a aperfeiçoar sua capacidade de racionalizar sobre tudo a sua volta, isso nos leva a perceber que, qualquer pessoa é capaz de construir seu conhecimento pessoal.

A leitura é essencial na vida de todo o ser humano, para que o mesmo possa compreender, analisar tudo o que le.

2.4 A abordagem metodológica da leitura

De acordo com BOURO (1996; p.36), “a metodologia de leitura deve ser apresentada e discutida por professores e alunos enfrentando o desafio do texto”. Partindo do pressuposto de que é possível uma multiplicidade de leituras e que uma verdadeira leitura é um convite a reler, porque a arte de ler tem sempre alguma coisa de novo a dizer. GUATARI (1996; p.18):

A proposta pedagógica da escola deve buscar ampliar as formas de leitura do mundo. O conhecimento através de leitura se dá na interseção da experimentação, a decodificação e da informação e, portanto, não pode prescindir da inter-relação entre histórias da leitura. Esse trabalho com leitura vem se desenvolvendo dentro da metodologia hoje denominada.

É importante observar que os métodos devem ser trabalhados com adequação a realidade dos discentes, principalmente em relação à faixa etária e, devem ser acompanhados de material pedagógico adequado a ser trabalhados com crianças. Para BOURO (1996; p. 15) “a aplicação da proposta do professor é de relevante importância na etapa da descrição das leituras”.

Para SOARES (1998), “dentre outras habilidades/capacidades, a leitura inclui as de fazer previsões sobre o texto, de construir significado combinando conhecimentos prévios e

informação textual, de refletir sobre o significado do que foi lido e tirar conclusões sobre o assunto focado”. Considerando a necessidade de que você reconheça a importância que as estratégias de leitura têm no processo de construção de sentido do texto e a necessidade do professor desenvolver uma prática em que elas sejam contempladas.

A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer os objetivos que guiam à leitura.

Esta afirmação tem várias conseqüências. Em primeiro lugar envolve a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto. Também implica que, sempre deve existir um objetivo para guiar a leitura, em outras palavras, sempre lemos para algo, para alcançar alguma finalidade.

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modalizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever. (PCN, 1997, p.40).

É preciso entender que o principal delas é a de que ler não é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão uma conseqüência natural dessa ação. Como a escola trabalha em sala de aula com seus alunos, tornando um grande numero de leitores capazes de decodificar os textos, entretanto possuem dificuldades para entender o que tentam ler.

Segundo JOSÉ e COELHO (1999, p.85):

O processo da leitura envolve: a identificação dos símbolos impressos através dos órgãos da visão; o relacionamento dos símbolos gráficos com sons que eles representam; a compreensão e a análise crítica do que foi lido.

O processo de leitura indica que o processo do ensinar e aprender dos educandos devem ser através de diversas formas e técnicas que permitam os mesmos realmente ler e tornassem bons leitores. Claro que devemos aproveitar todo o conhecimento prévio que o aluno já possui.

Portanto, ao promover o hábito pela leitura é preciso interagir com a diversidade de textos, uma vez que para formar bons leitores, torna-se necessário dispor de condições favoráveis para a prática da leitura, bem como a motivação que desperte o interesse pelo gosto

dessa atividade. É importante ressaltar que o educador comprometido com a leiturização do seu dia-a-dia repasse mais segurança e estímulo para o seu educando.

Segundo o programa de formação de professores de alfabetização (2001): Quando um homem começa a aprender, ele nunca sabe muito claramente quais são seus objetivos. Seu propósito é falho e sua intenção vaga. Espera recompensas que nunca se materializarão, pois não conhece nada das dificuldades da aprendizagem. Devagar começa a aprender e logo seus pensamentos entram em choque. O que aprende nunca é o que imaginava, de modo que começa a ter medo – aprender nunca é o que se espera. Cada passo da aprendizagem é uma difícil tarefa e o medo que o homem sente começa a crescer impiedosamente, sem ceder. Seu propósito torna-se um campo de batalha.

O medo de não corresponder as suas próprias expectativas também pode bloquear o indivíduo a desenvolver-se, crescer no conhecimento. Isto provoca um certo comodismo que lhe impede de aprofundar-se no conhecimento. A própria sociedade pode provocar esse medo, uma vez que, as cobranças existentes são muitas e a competitividade vem se tornando algo tão sufocante que muitos preferem recuar que seguir adiante.

Para vencer o medo, o homem não pode fugir. Deve desafiá-lo e, a despeito dele, deve dar o passo seguinte na aprendizagem. Deve ter medo plenamente. E esta é a regra!

Assim chega o momento em que seu primeiro inimigo começa a recuar. O homem vai sentindo-se seguro de si.

Os processos de ensino e aprendizagem na leitura e na escrita são processos diferentes e não necessariamente coincidentes. Entretanto, ensinar é fazer aprender. Todo ensino que não tem como resultado a aprendizagem não cumpre o seu papel – por essa razão, sempre que não conquistarmos bons resultados em relação as aprendizagens dos alunos, temos que analisar cuidadosamente a qualidade das nossas propostas de ensino, verificando-se a realidade de cada aluno e atendendo as propostas de um deles.

Refletir sobre o processo de leitura para ter claro os fundamentos que sustentam esta prática e, ainda, ter respostas coerentes às questões de conceituação e uso dos gêneros textuais em sala de aula, é hoje condição imprescindível, pois a clareza ou não dos aspectos conceituais e metodológicos adotados desvelam entrelaçamentos que recaem sobre o educador.

Ressignificar a leitura, ampliar seu uso, participar da construção do significado, considerar os conhecimentos prévios, utilizar os gêneros textuais e promover o letramento são orientações básicas com que a leitura tem sido abordada, graças a colaboração das diversas áreas do conhecimento como a psicolinguística, a sociolinguística, linguística e a pedagogia.

As orientações destas áreas permitem ao educador compreender fatores antes não evidenciados na aquisição, na compreensão e construção do processo cognitivo da leitura.

Amplamente divulgadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e por teóricos que discutem a leitura, estas contribuições possibilitaram um grande avanço para a concepção e a orientação do trabalho com o texto e a leitura.

Esse novo olhar ao texto e a leitura propõe estratégias distintas. Assim, criatividade, imaginação, pesquisa, troca de saberes e meditações articulam-se a essa nova dinâmica para além dos tradicionais uso de livros, tantas vezes sem sentido para o aluno.

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que saber escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se o aluno não se saiu muito bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte a sua tarefa. (Revista do Professor – 2007. P 16).

É essencial que a escola ensine seu alunado a raciocinar e, desenvolva a criatividade, imaginação e o espírito de iniciativa e, que consiga entusiasmar e tornar a aprendizagem da leitura prazerosa.

Parafraseando o Rubens Alves (2000): Penso que, de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e os jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. mas isso não basta. é preciso que o ato de ler dê prazer. (RUBENS ALVES, 2000, p.61).

A leitura ajuda a formar seres pensantes formando um processo contínuo de aprendizagem, sendo uma fonte inesgotável de conhecimentos que ajuda a perceber o mundo propiciando o crescimento interior e oportunizando a vivência das mais diferentes emoções.

Desse modo, a escola deve ser um lugar agradável, priorizando o processo de leitura, cumprindo a sua função educativa para a comunidade escolar onde está inserida. Em sua função social a instituição escolar deve estar direcionada para suprir as necessidades econômicas dos seus alunos, para isso, procura manter em seu acervo jornais e livros infantis, revistas e outros materiais que possibilitem uma leitura voltada para a aprendizagem. Todos esses processos trazem uma rica experiência de vida. Especialmente aos que tem menos acesso a esses materiais de leitura. Com frequência percebemos que em várias escolas são empregados métodos pedagógicos antigos, solicitando aos alunos que leiam determinados “textos para prova”, ou até para atribuir uma nota.

Essa metodologia precisa ser vista criticamente pelos educadores, porque pode tornar o aluno prisioneiro de um processo mecânico e superficial de aprendizagem de leitura. Agindo dessa maneira, as escolas acabam por transformar o próprio ato de ler em um processo de não-leitura. CAGLIARI (1989, p. 124) afirma que:

De tudo que a escola pode oferecer de bom aos alunos é a leitura, sem dúvida, o melhor, a grande herança da educação. É o prolongamento da escola na vida já que a maioria das pessoas no seu dia-a-dia lêem mais do que escreve.

A falta de planejamento no ato de escrever ou a falta de uma compreensão leitora, após a leitura de texto são indicadores do grau de complexidade da leitura e escrita no meio escolar.

Ler é, pois inferir e construir como patrimônio próprio, cosmo visões do meio social, da vida, das relações pessoais, das formas de poder da civilização e mais atribuir sentidos, significados plurais ao que leu de modo a aplicar informações e reconhecimentos retidos na vida acadêmica e pessoal.

Ser leitor ou escritor (sem uma conotação de ser um homem de mídia artes ou letras) é tarefa escolar e os pais não podem abrir mão de cobrar da gestão escolar, isto é, governos, conselheiros educacionais, diretores, coordenadores e professores a proficiência lectoescritora de seus filhos.

Alguns educadores, com formação escolar, tornam-se maus leitores que não resistem a uma simples soletração cumulativa alfabética, ou mesmo a dizer o significado literal ao pé da letra de uma palavra num ambiente textual.

Muitos pais, sem uma resposta eficaz da escola, procuram fora do ambiente escolar, profissionais como fonoaudióloga, pediatras, neurologistas e psicopedagogos na busca de superação do problema.

Ler e escrever se completam, mas não são habilidades que tem níveis homogêneos. Falar bem não é garantia de uma boa escritura. Escrever bem não garante uma boa leitura.

Segundo PIAGET: “Uma criança só aprenderá a ler, por exemplo, quando estiver preparada, isto é, quando seus esquemas de ação incluïrem a capacidade de simbolizar (relacionar sílabas a sons, palavras a objetos do mundo real)”. É inútil e prejudicial forçar o processo antes do tempo. A preparação para a alfabetização inclui a exercitação das capacidades anteriores e necessárias para a sua realização. Jogos corporais, por exemplo, são importantíssimos para a preparação da leitura, pois muitos deles facilitam o desenvolvimento da capacidade de simbolizar. Em jogos que envolvam imitações de animais, de atividades

profissionais a criança exercita a simbolização, relacionando sons e movimentos a animais e profissões; em exercícios de expressão corporal livre a criança simboliza através de posturas, movimentos e sons, seus sentimentos e sensações presentes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se, portanto, que a leitura é de fundamental importância para a organização do conhecimento, nas relações de experiência e na proporção da consciência reflexiva do aluno e sobre tudo o que acontece a sua volta.

No entanto, as visões da prática de leitura levam-nos a entender que essa ainda acontece de maneira superficial com métodos mecânicos de apenas responder questões objetivas sem reflexão e sem tratar o aluno como sujeito ativo e participador na construção do conhecimento que é primordial para o crescimento social e integral do mesmo.

Assim sendo, entendemos que ser professor de Língua Portuguesa é muito mais que seguir regras e nomenclaturas, já que, o que realmente importa é o bom uso da linguagem e suas variadas funções. Segundo ressalta Antunes (2007, p.146): “Certamente, muita coisa haverá de mudar na escola se a dimensão mais ampla e mais funcional de linguagem for, de fato, o centro do ensino de línguas”.

Apesar disso, ainda existe um equívoco do estudo da gramática normativa que ainda é usada por meio de nomenclaturas numa forma inconsistente e insuficiente para os usos formais do sujeito na sociedade mesmo depois de tantos estudos e referências sobre as novas concepções do uso do texto em sala de aula e de um estudo voltado numa perspectiva funcional da língua. Percebe-se também que o ensino do português requer uma predisposição e determinação por partes das políticas públicas e das instituições educacionais em querer transformar o processo educativo, e, sobretudo, dos professores que diretamente intervêm no processo de ensino em sala de aula, isso significa dizer que o ensino do português corresponde a uma ação planejada, fundamentada e conjunta para obtenção de uma formação humana consciente e completa.

Porém, na prática as dificuldades são grandes perto da dimensão que envolve o processo educativo que está condicionado historicamente ao estudo das normas gramaticais. Todavia, através dos objetivos, métodos e formas de organização; a escola pode e deve incorporar o estudo do português relacionado às competências e habilidades voltadas para a cidadania e que esta concepção deve ser refletida de forma consciente e crítica com o intuito e ajudar o estudante a compreender linguisticamente o uso funcional e social da língua e

aperfeiçoar suas competências comunicativas e isso só será possível com a adoção de textos como unidade básica do ensino da língua portuguesa.

Desta forma, a leitura vai se tornando uma prática prazerosa e cada vez mais chamativa aos olhos dos alunos. E com o tempo o hábito da leitura será algo mais prazeroso e concreto na sala de aula e se estendendo para toda a vida.

READING IN THE CLASSROOM: A PLEASANT WAY TO LEARN

ABSTRACT

In this article, we seek to analyze issues that we consider to be of great importance for the understanding and practice of reading as a form of interaction and acquisition of knowledge. In this work, some reflections are made about reading in school education, starting from theories that prioritize the study of language in its functionality and reflection in obtaining a better use of reading classes. The complexity of reading involves much more than simple adaptation to the social system or to practical purposes of literacy, it involves attitude and autonomy as an active subject in the process of constructing the meaning of reading in his life and in society; However, continues to perpetuate the formalist practice of merely transcribing what is explicit in the text as an activity of capturing the author's intentions in what he wants to convey and it is incumbent on the reader to grasp these ends superficially without expanding the debate and the exchange of Ideas. For theoretical purposes we use the authors: Antunes (2003) Lajolo (1993), Pimenta (2011), Buzen and Mendonça (2006), Dionísio and Machado (2002), Freire (1981). In order to present here pleasant forms of the act of reading. Through the objectives, methods and forms of organization; The school can and should incorporate the study of Portuguese related to skills and abilities aimed at citizenship and that this conception should be consciously and critically reflected in order to help the student to understand linguistically the functional and social use of language and to perfect Their communicative skills and develop critical sense. With such mechanisms reading becomes a pleasurable and increasingly flashy practice in the eyes of students. In this work the methodology of the research of evaluation evaluative was used to better justify about the topic approached.

KEYWORDS: Reading. Students. Knowledge

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola, 2003.
- ANTUNES, Irandé. **Muito Além da Gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Por uma reeducação sociolingüística** IN____ Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética Dostoievski.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BOURO, Anamélia. **O olhar em construção na experiência de ensino aprendizagem da arte na escola.** São Paulo, Cortez; 1996.
- BUZEN, Clécio. MENDONÇA, Márcia. **Português no ensino médio e a formação do professor.** São Paulo: Parábola, 2006.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: 1.ª a 4.ª série – Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.vol.1
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine e MICHELETTI, Guaraciaba. Teoria e prática da leitura. In: Coletânea de textos didáticos. Componente curricular Leitura e elaboração de textos. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.
- CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização e Lingüística.** São Paulo: Scipione, 1993.
- CERVO, Amado L. e BERVIAN, Pedro A. (1983) **Metodologia Científica : para uso dos estudantes universitários.** 3.ed. São Paulo : McGraw-Hill do Brasil.
- COLELLO, S.M.G. **A escola que (não) ensina a escrever.** São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- DIAS, Lucinda. **Problemas de aprendizagem.** São Paulo : Ed. Antroposofica, 1995.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva. MACHADO, Anna Rachel. BEZERRA, Maria Auxiliadora. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- DURINGAN, Jesus et alli (org). **A magia da mudança – vestibular. Língua e Literatura.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- EZEQUIEL, Theodoro da Silva. **Leitura na escola e na biblioteca – Campinas, S. P.** Papirus; 1986.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14^a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**/Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M.. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.

GUATTARI, Félix. **Introdução e análise de texto**. Campinas: Papyrus, 1996.

JOSÉ, Elisabete da A. e COELHO, Maria T. **Problemas de aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Pesquisa. In: LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnica de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996. p. 15-123.

LEFFA, V. J. e Pereira. A. E. **O ensino da leitura e produção textual: Alternativa de renovação**. Pelotas Educação, 1999.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA J. F.; TOSCHI M. S.; **Educação escolar: políticas estrutura e organização**. 2^a ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Docência em Formação)

KLEIMAM, Ângela. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1989.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

OLIVEIRA, Fabiane Lopes de – PUC/Pr e Bagozzi. **O Processo de Leitura e Escrita e suas implicações na Aprendizagem dos alunos**. P ||5225-5227

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** Ed. Rio de Janeiro. J. Olimpio, 1977.

_____. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2011.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.194 p.

TEBEROSKY, Ana & COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtiva**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jeferson Luiz Camargo. 3^a Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **Aprendizado e Desenvolvimento: um processo Sócio-Histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.